

O Dicionário da Academia Brasileira de Letras: Um dicionário brasileiro da língua portuguesa?

CLOTILDE DE ALMEIDA AZEVEDO MURAKAWA
(Faculdade de Ciências e Letras – UNESP)

A Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada em 1897 por Machado de Assis, teve por finalidade prevista em seus estatutos “a cultura da língua e da literatura nacional” (Nascentes, 1988:4).

Logo no início de suas atividades os membros da ABL demonstraram interesse em elaborar um dicionário da língua portuguesa e um dicionário de brasileirismos.

No discurso proferido por Joaquim Nabuco, em julho de 1897, quando da instalação da Academia, já se manifestava ele admitindo a diferença entre a língua portuguesa falada em Portugal e no Brasil. Assim dizia: “O fato é que, falando a mesma língua, Portugal e Brasil têm de futuro destinos literários tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionais. Querer a unidade em tais condições seria um esforço perdido” (Nascentes, 1988:4).

Ao fim do 1º ano de existência da Academia, Machado de Assis programava, dentre as diversas atividades da instituição “a coleta de alguns elementos do vocabulário crítico dos brasileirismos entrados na língua portuguesa, e das diferenças no modo de falar e escrever dos dois países”. Afirmava, ainda, sobre o trabalho a ser executado: “Ele exige não só pesquisa grande e compassada atenção, mas muita crítica também. As formas novas da língua, ou pela composição dos vocábulos, filhos de usos e de costumes americanos, ou pela modificação do sentido original, ou ainda por alterações gráficas, serão matéria útil e porfiado estudo. Com os elementos que existem esparsos e os que se organizarem, far-se-á qualquer coisa que no próximo século se irá emendando e completando”.(Nascentes, 1988: 4).

Machado de Assis não viveu tempo suficiente para assistir às longas e demoradas discussões entre os acadêmicos sobre os projetos que iriam levar à execução do dicionário de brasileirismos e o da língua portuguesa.

Quanto ao primeiro, o de brasileirismos, começou a ser elaborado em 1910 e impresso em 1926; entretanto as críticas veementes de Humberto de Campos fizeram com que a obra fosse elaborada até a letra M.

As provas de sua última impressão se encontram guardadas nos armários da biblioteca da Academia, a espera de algum estudioso que por elas se interesse, um dia, e execute o trabalho.

Continuava, no entanto, a ABL a defender a elaboração de um dicionário brasileiro da língua portuguesa.

Em abril de 1920, o acadêmico Medeiros e Albuquerque volta a defender a elaboração do dicionário e apresenta um projeto completo de onde extraímos da letra c) do projeto a seguinte passagem: “Para cada vocábulo procurar-se-á sempre dar a sua significação atual; as suas modificações semânticas dos tempos, assinalando, quando as houver, as diferenças de significação entre Portugal e Brasil ou entre vários pontos do Brasil (...)” (Revista da ABL, vol. XV, p.289).

Três anos mais tarde, ao projeto de Medeiros e Albuquerque é contraposto o de Laudelino Freire que propõe que a Academia tome por base o **Dicionário de Moraes**, de 1813 e fazendo uma seleção, escolha dos dicionários já publicados o que seria aproveitável.

Em se tratando dos brasileirismos, Laudelino Freire assim se posiciona: “O chamado Brasileirismo surge, em regra, como corruptela de palavras e locuções. Quando não é corruptela, é erro sintático, ou deplorável extravagância lexicográfica, de aceção não raro grosseira e vulgar. Termos de gíria e expressões de calão. Em casos tais não deve a Academia com a sua alta autoridade, esposá-los com o transferir para o Dicionário da Língua a responsabilidade de adoção de abortos de linguagem e palavras corruptas. Quando o “brasilismo” desponta mediante as regras da derivação vernácula, não se faz mister de um vocabulário à parte para o colecionar, porque, nesse caso, em sendo ele palavra tão vernácula quão as que mais o forem, se incorpora legitimamente na linguagem.” (Revista da ABL, vol XV, p. 294). Propõe, apenas, registrar em seu dicionário os brasileirismos que “sejam formados segundo as regras da boa derivação”.

A posição radical de Laudelino Freire provocou discussão acalorada entre os membros da Academia e foi Xavier Marques, em julho de 1914, que leu em sessão o trabalho intitulado “A Questão dos Brasileirismos”, onde logo no início afirma: “... não compreendo dicionário brasileiro que não seja dicionário da língua portuguesa falada no Brasil” (Revista da ABL- vol. V, p.319). Neste documento de 7 páginas, Xavier Marques, além de discutir a impropriedade do termo brasileirismo, qualificado por muitos como pejorativo, defende a inclusão das formas que atestam a originalidade do espírito brasileiro. “Com elas, diz ele, respondemos perfeitamente às necessidades criadas pela renovação incessante das idéias, pelos fatos novos em que se expande a vida social (idem- ibidem-p. 321).

Termina Xavier Marques o seu trabalho afirmando: “O desacordo se patenteia na classificação dos brasileirismos, feita sem entendimento ou convenção prévia, antes de qualquer definição em que se baseie uma norma de proceder. Digam-nos primeiro o que se deve entender por legítimos brasileirismos léxicos, sintáticos e semânticos-. E, em seguida,

com justa preferência, seja publicado o vocabulário em que há muito se esmera a Academia e que será naturalmente a fonte principal, a fonte das fontes do Dicionário Brasileiro”(idem-ibidem-p.324.)

As discussões entre os acadêmicos, principalmente entre os dois mencionados, se alongaram por vários anos.

O projeto de Laudelino Freire, mesmo aprovado, ia sendo executado sem grande pressa.

Em 1928, veio a público o 1º fascículo do dicionário. As despesas com sua elaboração eram altas e o pequeno grupo que a ele se dedicava, dissolveu a comissão em 1934, sob a presidência de Ramiz Galvão.

Descontente com o fim que tinha sido dado ao seu projeto, Laudelino Freire resolveu, por iniciativa pessoal, publicar seu **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, em 5 volumes, em 1943.

O dicionarista brasileiro manteve-se fiel ao seu projeto original. No vol. I de seu **Grande e Novíssimo Dicionário**, p. VIII, afirma que não faz distinção entre regionalismos e provincianismos. Aos termos em que acreditou serem exclusivamente usados em Portugal denominou-os lusitanismos; aos do português da África, africanismos e aos da Ásia, asianismos. E mais adiante diz: “Nenhuma denominação atribuo ao português do Brasil. Feito principalmente para brasileiros, este dicionário não precisa da indicação de brasileirismo para conhecimento da linguagem falada no país. Além disso não é fácil definir o que seja brasileirismo. Muitos deles são expressões do português falado pelos antigos colonizadores; outros são termos da linguagem comum, os quais por não terem sido averbados em dicionários lusitanos, foram considerados brasileiros”.

De 1934 a 1940, o projeto do dicionário não teve prosseguimento.

Em 1940, sob a presidência de Afrânio Peixoto, a ABL voltou a discutir o assunto. Sob responsabilidade do presidente, foi contratado o Prof. Antenor Nascentes para elaborar novo projeto que deveria ser submetido à apreciação dos acadêmicos.

Em 1943, 3 anos após a proposta de Afrânio Peixoto, Nascentes entregava o trabalho concluído. Entretanto somente de 1961 a 1967 foram publicados os 4 volumes da obra lexicográfica, pelo Departamento de Imprensa Nacional, graças à invocação da Lei nº 726, de 1900, que autorizava a Imprensa Nacional a imprimir todas as publicações oficiais da ABL.

Depois deste relato histórico baseado em documentos fornecidos pela ABL, passamos a analisar o **Dicionário da Língua Portuguesa** do Prof. Nascentes.

Antenor Nascentes em seu livro **O Linguajar Carioca** (1953:10) afirma: “O afastamento da metrópole, a independência política e outras causas tornaram autônomos português do Brasil”. Esta afirmação rendeu-lhe a observação crítica do Prof. Paiva Boléo em seu trabalho “Brasileirismos- Problemas de Método”, publicado em separata da Revista Brasília, vol. III, 1943. E foi neste mesmo trabalho que o eminente filólogo português registrou a mudança que se operou no espírito do Prof. Nascentes com relação ao português do Brasil: “Se a independência literária está realizada, a da língua não o está. São muitas as

divergências entre o nosso falar e o de Portugal, mas não de natureza tal que determinem uma barreira lingüística entre os dois países. (...) Tudo indica como mais provável o *statu quo* o nosso falar ser uma variante do lusitano. O velho argumento de que, assim como do latim saiu o português, do português sairá outra língua, não tem valor diante das condições da vida moderna". (Apud Boléo, 1843:20).

Antenor Nascentes toma, portanto, uma posição definitiva, considerando o português do Brasil uma variante do de Portugal; basta consultar as p. 16 e 17 de **O Linguajar Carioca**, onde adota a afirmação do Prof. Boléo que considera o português brasileiro ao lado do minhoto, beirão e o algarvio um falar. E daí vem a sua pergunta: "Mas, que vem a ser falar? Falar, segundo Marouzeau, é um conjunto de meios de expressão empregados por um grupo no interior de um domínio lingüístico".

Analisando a macroestrutura do **Dicionário** podemos destacar alguns pontos importantes:

1. A nomenclatura está constituída de 100.000 entradas, aproximadamente, que como afirma o autor "representa a língua viva do Brasil de hoje com as palavras que verdadeiramente possui." (Nascentes, 1961: 5).
2. O **Dicionário** tem 4 grandes volumes com em média 525 páginas divididas em 2 colunas. Neste aspecto a obra fugiu ao projeto original que o previa em um único volume de formato grande com 3 colunas em cada página.
3. Não há exemplos abonados. Nascentes justifica que, neste aspecto, seguiu o exemplo das Academias Espanhola e Francesa. Quando a definição lexicográfica pode suscitar dúvida quanto ao significado da unidade lexical, o dicionarista cria os exemplos: estes, entretanto, são raros.
4. Os vários níveis de linguagem e as linguagens especiais são contemplados no dicionário. Com relação a estas, Nascentes usa a terminologia científica de cada área de conhecimento. Assim andorinha é: Nome genérico de pássaros fissirrostrós da família Hirundinidas e especialmente da *Hirundo rustica*.
5. Com relação aos brasileirismos que Nascentes define como "palavra ou expressão própria do português falado ou escrito do Brasil", o dicionário, na parte introdutória, registra o nome de vários autores que trataram do assunto no Brasil; entre eles Beaurepaire Rohan, Amadeu Amaral, Romaguera Correia, Rodolfo Garcia, Escragnolle Taunay, Pereira da Costa, Teschauer, Roque Callage, Alfredo da Mata e Chermont de Miranda, autores que foram consultados por Nascentes. Este, por sua vez, não identifica nenhuma unidade lexical com a marca brasileirismo. Manteve o pensamento que expressou a respeito do assunto; sendo o dicionário o registro da língua viva do Brasil, não haveria a necessidade da marca. Identifica apenas o estado ou a cidade de onde uma ou outra unidade é específica. Por exemplo, a unidade lexical andorinha significando: veículo destinado ao transporte de mobílias, tem a identificação de Rio de Janeiro; ou ainda animal significando cavalo, no Rio Grande do Sul e égua, em Pernambuco; também apartamento tem

significado especial na Ilha de Marajó, significando a separação do gado. A obra de Nascentes está repleta de exemplos desta natureza.

Com relação à microestrutura- organização dos verbetes-, Nascentes procedeu de maneira sistemática e uniforme.

Registra a palavra-entrada em letra minúscula e em negrito, seguida da transcrição fonética em alfabeto internacional e da classe gramatical: se substantivo masculino ou feminino; se substantivo masculino e feminino (dentista, banhista, ciclista); se substantivo masculino ou feminino plural (amantinhos, amavios, barbelões, ceroulas, cócegas, matulas, etc.); se adjetivo, acompanha na entrada a flexão de gênero feminino (absorto, a; agoureiro,a; operador, ora; europeu, éia); se verbo, acompanha a regência transitivo, intransitivo, pronominal, reflexivo. No caso dos pronominais reflexivos, o pronome SE aparece junto à forma de infinitivo: amasiar-se (pronominal), arvorejar-se (reflexivo), ater-se (pronominal).

Podem também ser entrada:

1. advérbios em -mente: agradavelmente, amarguradamente, cordialmente;
2. adjetivos em grau superlativo: altíssimo, boníssimo;
3. substantivos e adjetivos compostos: arrasta-pé, arre-diabo, ave-real, azul-marinho, azul-celeste, barata d'água, barba-de-bode, casa-forte.

Após as indicações da classe gramatical e suas flexões, vem a definição lexicográfica, ou paráfrase sinonímica da entrada. Nascentes segue os modelos da lexicografia moderna: definição descritiva, pelo gênero próximo e a diferença específica, por sinonímia e antonímia. Quanto à definição ostensiva ou mostrativa, adota este tipo para as cores. A etimologia fecha o verbete.

O que nos chama a atenção é o cuidado do lexicógrafo em evitar a definição por sinonímia, a fim de não cair no círculo vicioso que é comum acontecer nos dicionários.

Analisando os 308 adjetivos e 387 verbos que compõem o Vocabulário do Português Fundamental, para verificar a sistemática da definição, observamos que nestes casos a sinonímia é empregada com cuidado. Os adjetivos são definidos da seguinte forma: pertencente a (aéreo), que produz (cansativo), privado de (cego), próprio de (expressivo, instrutivo), existente em (fantástico), da natureza de (feroz), capaz de (horível), partidário ou sectário de (protestante, realista).

Dos 308 adjetivos, apenas uns poucos são definidos por sinonímia: adiantado, asseado, caído, esperto, eficiente, honesto, fino, porco, sério.

Com relação aos verbos, procura dar uma definição descritiva ou pelo gênero próximo e diferença específica, como em:

convencer, v.tr. Provar alguma coisa a alguém de modo que, racionalmente, não possa ser negada e se reconheça a verdade dela.

guiar, v.tr. Mostrar o caminho indo adiante, ensinando.

precisar, v.tr. Ter precisão, carecer de alguma coisa que muito conviria.

preparar, v.tr. Trabalhar de antemão para pôr em condições as coisas necessárias.

rasgar, v.tr. Separar com violência os fios, ofender, romper (tecido).

Se a unidade lexical de entrada pertence a uma linguagem especial, vem entre parênteses a área de conhecimento a que pertence: caçonetes (Náutica), cacoquília (Medicina), calicina (Química), apótema (Matemática), apolar (Zoologia), etc.

Depois de mostrar a macro e microestrutura do dicionário, resta-nos esclarecer se o dicionário registra realmente o português do Brasil. Para isso, tivemos que proceder a uma análise quantitativa e qualitativa de uma pequena amostragem.

O **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, em sua versão informatizada de 1995, registra na letra A 1714 unidades lexicais, onde aparece a marca "brasileirismo". São considerados "brasileirismos gerais". Estas unidades que foram levantadas pela Prof^a. Ana Maria Pinto Pires de Oliveira, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e que estuda os brasileirismo em todo o dicionário de Aurélio, nos serviram de *corpus* para fazermos esta análise. Além dos brasileirismos gerais, Aurélio registra na mesma letra outros 532 considerados brasileirismos regionais.

Numa 1^a etapa, selecionamos as unidades lexicais que tiveram mudança semântica no português do Brasil e as que foram criadas através de processo de derivação e composição. Das 1714, 628 (36,63%) se encontram nesta situação. E das 628, 312 (49,68%) estão registradas em Nascentes com o mesmo significado. Citemos alguns exemplos:

Unidade lexical	Aurélio	Nascentes
abarbarado	2.Bras.Valente, arrojado, temerário.	Adj.Temerário, valente, terrível.
alabama	Bras.1. Brilhante grande, mas de qualidade inferior.2. Caixeiro viajante	S.m.Brilhante grande e vistoso, mas de qualidade inferior. Caixeiro viajante.
arado	Adj.Bras.1. Esfomeado, esfaimado, faminto; varado.	Adj.Esfaimado (Corruptela do antigo <i>ourado</i> , isto é, que sente <i>ouras</i> , tonturas na cabeça por fraqueza).

Desta 1^a etapa, excluimos todas as unidades de origem indígena, africana que designam a fauna, flora, usos e costumes, tribos indígenas, rituais africanos e aquelas que são criações vernáculas e que designam principalmente a flora e a fauna brasileiras. Trataremos delas mais adiante.

Em seguida, verificamos as 628 unidades no **Dicionário da Língua Portuguesa**, em sua 7ª edição de 1994, de J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, da Porto Editora. Das 312 que estão no **Dicionário de Nascentes**, 116 (37,17%) se encontram registradas no dicionário português, e destas, 19 estão com a marca “Brasil”. São elas: aboio, aça, alagadiceiro, alcaide, alotador, alotar, alvarenga, amalocar, amoliar, angu, arado, arataka, armarinho, artola, assombração, atabular, atocaiar, atora, avosar. Verifiquemos alguns exemplos:

Unidade	Nascentes	Dicionário da Porto
alagadiceiro	Adj. Que pasta em terreno alagadiço (boi)	Adj. (Bras.) diz-se do boi que pasta em terreno alagadiço
alvarenga	Embarcação de construção forte, coberta ou descoberta, usada para embarque e desembarque do carregamento de navios e transporte de materiais pesados.	s.f.(Bras.) lanchão para carga e descarga de navios e transporte de gêneros de comércio.
armarinho	S.m. Pequeno armário. Loja em que se vendem fazendas e aviamentos de costuras, tais como linhas, agulhas, alfinetes, cadarços, etc. e atavios femininos.	s.m. (Bras.) pequena loja onde se vendem artigos de costura, de capelista e retroseiro.

A esta relação acima, acrescentamos mais 2 unidades que estão registradas no dicionário da Porto com a marca “Brasil” e que não estão registradas em Nascentes; são elas: acavalado e avacalhar.

Na 2ª etapa de nossa análise, selecionamos as unidades restantes em Aurélio, num total de 1.086 unidades que designam a flora, fauna, nomes de tribos indígenas, usos e costumes. Neste total se encontram as palavras de origem indígena, como por exemplo açairana, acará, açoiaba, aipixuna, amuri, anduiá; africanas como adarrum, agogô, alufá, angu, axexê; e as criadas dentro da língua como abricó-de macaco, algodão-do-brejo, alma-de-gato, andorinha-do-mar, andorinha-do-mato, angico-branco, aroeira-de-capoeira, arrebenta-boi, arrebenta-cavalo, arroz-do-campo, asa-branca, asa-de-abelha, e centenas de outras.

Das 1.086 unidades, Nascentes registra 366 (33,70%) de onde extraímos os exemplos acima. Elas recortam a realidade extra-lingüística brasileira, e portanto, com raras exceções se encontram no dicionário da Porto Editora.

Há que se destacar neste aspecto que Nascentes registra muitas outras unidades designativas da flora, fauna, usos e costumes brasileiros; elas, porém, não estão registradas em Aurélio dentro da letra A.

Resta-nos, então, as observações finais.

Nascentes registra maior número de palavras de origem indígena do que de origem africana. É isto, possivelmente se deva ao fato de ter consultado as obras que mencionamos acima, principalmente o **Dicionário de Vocábulo Brasileiro** de Beaurepaire Rohan. Não registra nenhum substantivo designativo de indivíduo de tribos indígenas brasileiras como faz o **Dicionário Aurélio**; e isto porque apenas estudos recentes, publicados em 1985, pelo Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues registram com exatidão as línguas indígenas existentes no país.

Quanto às unidades de origem africana, Nascentes registra, dos 33 que estão em Aurélio na letra A, apenas 7 que são: aberém, adarrum, agogô, alufá, amalá, angu e axexê. São unidades relativas aos rituais e à culinária africana.

Um número representativo de novas formações vernáculas se encontra presente no dicionário, em particular de formações deverbiais do tipo: acocho (de acochar), acuo (de acuar), afito (de afitar), apronto (de aprontar), arribe (de arribar), avança (de avançar).

Nascentes, partindo do pressuposto de que a língua portuguesa do Brasil é uma variante da de Portugal, registrou as unidades designativas da realidade brasileira que deveriam constar de seu dicionário, mas sem a identificação de "brasileirismo".

Na exposição de seu projeto à Academia ele disse: "Como alicerce da obra, elaborei um dicionário básico, com as principais significações das palavras fundamentais da língua. Este dicionário básico, sobre cuja publicação já providenciei, contém 25.000 vocábulos. Acrescentei depois a estes vocábulos suas significações técnicas, especiais, e a esses 25.000 juntei 70.000, entre os quais vocábulos literários, técnicos, brasileirismos regionais, etc., e com este patrimônio de cerca de 100.000 vocábulos, transcritos foneticamente e acompanhados de sua etimologia, constituí o projeto" (p. IX).

O **Dicionário** do Prof. Nascentes é hoje uma obra lexicográfica desatualizada, porque não registra as unidades lexicais originárias do progresso científico e tecnológico, e das mudanças sociais que ocorreram nos últimos 30 anos. Constitui-se, no entanto, num acervo importante para o lexicógrafo que analisa as definições lexicográficas através do tempo e principalmente para aqueles que se dedicam ao estudo da língua portuguesa na sua variante brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, J.A. e SAMPAIO E MELO, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Porto: Porto Editora, 1994.
- FREIRE, L. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. 5 vol. Rio de Janeiro: A Noite S.A. Editora., 1943.
- NASCENTES, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 4 vol. Brasil: Departamento de Imprensa Nacional, 1961/1967.
- _____. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1988.
- PAIVA BOLÉO, M. de. *Brasileirismos (Problemas de Método)* In; Separata Revista Brasília, vol. III, Coimbra: Coimbra Editora, 1934

Revista da Academia Brasileira de Letras, nº 32, vol.XV, Editado pela Academia Brasileira de Letras. Editor Benjamin Costalat Miccolis, agosto, 1924.

RODRIGUES, A.D. *Línguas brasileiras- Para o conhecimento das línguas indígenas*. S.Paulo: Edições Loyola, 1986.